

NOSSA CAPA

MUSEU NAVAL – O Atlântico Sul na construção do Brasil independente



*Tomais o Sol com pensamento leve,
Dédalo sábio o Mundo vos aclama,
Quando invento tão raro se vos deve.
E quando vosso nome mais se afama,
Sendo a terra a seus voos orbe breve,
Tomais o Sol por orbe a vossa fama.¹*

FERNANDA DEMINICIS DE ALBUQUERQUE*
Capitão-Tenente (T)

SUMÁRIO

A Exposição
Ambiente 1: O Gabinete do Cartógrafo
Ambiente 2: A Sala das Cartas
Ambiente 3: A Biblioteca — experiência e acumulação
Convite à Exposição

A EXPOSIÇÃO

Em novembro do último ano, a Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM) inaugurou, no Museu Naval, a exposição temporária intitulada “O Atlântico Sul na construção do Brasil indepen-

dente”. Aberta ao público até junho do ano corrente, a mostra está vinculada às comemorações dos 200 anos da Independência do Brasil, marcando um considerável avanço em pesquisas e conhecimentos não só sobre a área temática que aborda, mas também sobre o rico acervo que exhibe.

1 O trecho em evidência, selecionado pela curadoria, compõe a exposição e exalta “o astrolábio inventado e fabricado pelo engenho do reverendo padre mestre Estancel”. OLIVEIRA, Manoel Botelho de. *Música do Parnaso*. Lisboa: Oficina Miguel Menescal, 1705.

* Mestre pelo Programa de Artes & Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com especialização em Design pelo Instituto Europeu de Design (IED) e aperfeiçoamento em História da Arte, sobre período do Renascimento, pela Universidade de Oxford. Encarregada da Seção de Pesquisa e Projetos de Exposição da DPHDM. Responsável pelo projeto de *design* da exposição temporária “O Atlântico Sul na construção do Brasil Independente”.

A exposição parte de um projeto maior, que compreende a digitalização em alta qualidade e a disponibilização, pelo repositório da Biblioteca da Marinha (BM), de uma fração do acervo cartográfico amealhado e mantido pela Divisão de Materiais Especiais da BM. Em frutífera parceria, que resulta na curadoria especializada de Heloisa Meireles Gesteira (Museu de Astronomia e Ciências Afins – Mast), Iris Kantor (Departamento de História da Universidade de São Paulo – USP) e Maria Dulce de Faria (Fundação Biblioteca Nacional – BN), a mostra reúne os textos e a vasta pesquisa que empreenderam sobre o tema a partir da seleção do acervo que, em grande medida, deriva da antiga Biblioteca da Academia Real dos Guardas-Marinha, presente no Brasil

desde 1808. A pluralidade de instituições envolvidas, os conhecimentos e os diferentes pontos de vista das curadoras, referências incontornáveis nos temas em lide, e das Divisões de Materiais Especiais e Museografia da DPHDM aportam originalidade e ineditismo à mostra.

Com diferentes recursos expográficos, que estimulam os sentidos, e variadas tipologias de acervo, o percurso apresenta aos visitantes cartas, roteiros de navegação, instrumentos náuticos e atlas dispostos de maneira a discutir o processo de formação do Brasil a partir de uma perspectiva bastante original — a do mar e de suas representações cartográficas. Tais representações foram fundamentais para que pudessem ser viáveis as ações da Armada Imperial e a manutenção das



Figura 1 – Cartaz e imagem de abertura da exposição “O Atlântico Sul na construção do Brasil independente”

dimensões territoriais do Império do Brasil. Assim, o pano de fundo que articula os três grandes ambientes em que se divide a mostra está centrado no uso do mar e nos interesses que condicionavam a geopolítica dos oceanos.

Os resultados da pesquisa da curadoria se debruçam sobre o contexto do Atlântico Sul na virada do século XVIII para a centúria seguinte, tendo como fio condutor a experiência de diferentes personagens que promoveram uma forte circulação de saberes e objetos e que se apresentam contextualizados e engendrados conforme suas funções genuínas. Para além do tema primacial, uma abordagem biográfica apresenta aos visitantes a trajetória de alguns importantes nomes, bem como de suas redes de conhecimento. É por meio da história desses personagens que se torna possível depreender os deslocamentos diversos que foram viabilizados pelo conhecimento das cartas e das viagens empreendidas para composição de outras novas. Finalmente, há o desenvolvimento e a revisão de informações sobre a materialidade, a iconografia, os métodos de representação e as marcas de proveniência e pertença dessas diversas cartas, analisadas pontualmente e, em seguida, estudadas em seu conjunto.

A exibição inédita do acervo disposto nas Salas de Exposição Temporária não só traz ao público a possibilidade de refletir sobre a independência do Brasil e sobre a formação de sua identidade marítima, mas também instiga possibilidades de pesquisas futuras, alargando as atuais fronteiras do conhecimento histórico.



Figura 2 – Descerramento da fita inaugural da exposição na presença do secretário-geral da Marinha, Almirante de Esquadra Campos; do diretor do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, Vice-Almirante Mathias; das curadoras Heloisa Meireles Gesteira e Maria Dulce de Faria; e da chefe do Departamento de Biblioteca da Marinha, Capitão de Fragata (T) Leniza

AMBIENTE 1: O GABINETE DO CARTÓGRAFO

Ao adentrarmos o primeiro módulo da exposição, deparamo-nos com a escuridão. Não aquela em que as incertezas predominam, mas sim a escuridão que, ao nos privar de outras distrações, permite-nos observar mais acuradamente os astros que se evidenciam na noite. A ampla sala em vão livre traz, em seus discretos painéis, informações, documentos e imagens que nos aproximam desses personagens sapientes em navegação, que oscilam entre o acúmulo do saber prático daqueles que experimentam em abundância o sal, o Sol e o vento, e entre os ávidos conhecedores teóricos, leitores das páginas tratadísticas que pululavam pelo período.

Ao centro encontramos, sobre um iluminado tablado, a mesa repleta de livros, papéis, penas, pigmentos e instrumentos

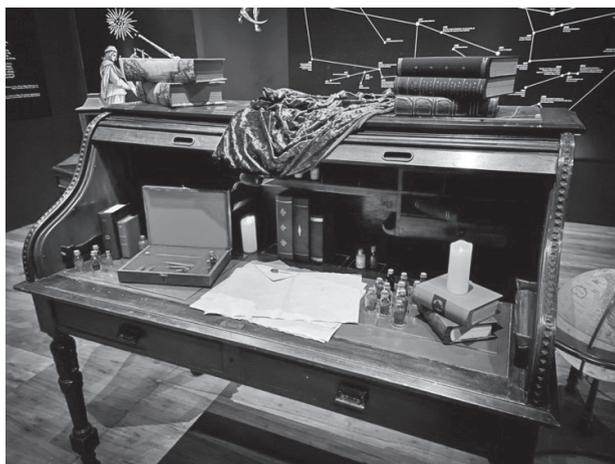


Figura 3 – Ambientação e cenografia representando a papelreira e os instrumentos de trabalho do cartógrafo

úteis ao desenho e traçado das cartas de navegação. Ainda assim, a aparente ausência de seu personagem principal, o cartógrafo, soa como uma provocação e convite a uma curiosa observação de seu ambiente de trabalho, como se a qualquer instante, ao eco audível de seus passos, o visitante pudesse ser surpreendido pela sua quase impertinente intromissão.

Ainda que o mobiliário possa aparentar a sofisticação de um formal gabinete, a ambientação sugere que o principal *locus* de produção do conhecimento cartográfico, no período abordado pela mostra, é a céu aberto, sob as estrelas, a partir dos instrumentos de ciência mencionados, e o mais próximo possível dos pontos de observação considerados privilegiados para a recolha de informações de costas e rios. Tudo isso recorda ao visitante, embora sutilmente, que o esforço do empreendimento do conhecimento

náutico-cartográfico decorre da observação acurada desses destacados homens.

Ao fundo, sob o olhar fixo de uma representação de Cronos, que com sua foice impõe o ritmo do tempo ao firmamento, acende-se o painel celeste que guia o percurso temporal da exposição. De maneira não convencional, fugindo ao padrão das linhas do tempo, tão comuns em exposições, esse “mapa temporal”, elaborado de acordo com

o recorte feito pela curadoria, forma-se a partir de constelações de eventos que se conectam direta e indiretamente. Ao conformar-se de maneira fluida, em alusão aos astros, rompe com o pressuposto de linearidade dos acontecimentos históricos, procurando demonstrar a complexidade e a pluralidade de elementos que constituem a narrativa expositiva, aproximando, afastando ou colocando em paralelo os diversos eventos.

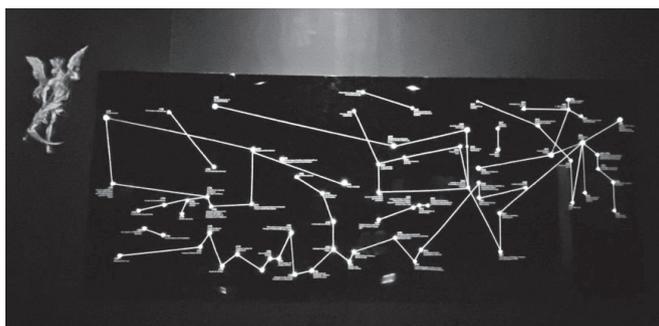


Figura 4 – Mapa temporal luminoso representando o recorte cronológico estipulado para a exposição pela curadoria

Ao canto, uma vitrine apresenta ao visitante alguns exemplares de úteis e comuns instrumentos de ciência do período, como



Figura 5 – Vitrine com instrumentos de ciência.
Acervos da DPHDM



Figura 6 – Agulha de marear. Portugal, Lisboa. Ano 1760.
Acervo da DPHDM

compasso de ponta seca, óculo de alcance, oitante, círculo de reflexão, cronômetro de marinha, globo celeste e agulha de marear. Dos objetos em mostra, destaca-se, ainda conservando seu magnetismo, a agulha setecentista fabricada em Lisboa. Em seu disco suspenso, ricamente decorado e pintado a mão, podemos observar o brasão de armas de Portugal sob o reinado de D. José I.²

Apreendida a essência do labor desses venturosos homens, das importantes instituições que promoviam os avanços tecnológicos cartográficos, bem como a necessidade do registro escrito do conhecimento produzido, para além da representação imagética que dá sentido às cartas, o visitante pode seguir para o módulo mais denso da exposição, nomeadamente a Sala das Cartas, em que, de fato, trava contato direto com o acervo original.

AMBIENTE 2: A SALA DAS CARTAS

Em cores fortes, que destacam os mapas e atlas, a Sala das Cartas concentra a maior parte do acervo da exposição, agrupado segundo a curadoria. Esta sala procura abarcar “O Atlântico Sul na era das revoluções constitucionais”, e, sob essa temática maior, tantas outras são abordadas: o mapeamento das duas margens do Atlântico, com o registro das ilhas oceânicas e dos portos africanos, empreendido por centenas de engenheiros militares, hidrógrafos, astrônomos, cartógrafos e pilotos; as

² Na Marinha do Brasil, foi utilizada a bordo da Fragata *Nichteroy*, atuante nas guerras de independência.

assinaturas do Tratado de Utrech, ocasião em que a França perdeu seu controle da foz do Oiapoque, e do Tratado de Madri, findando o uso convencionado, desde o século XV, do meridiano de Tordesilhas; a série de reformas empreendidas pela coroa portuguesa, no turbulento reinado

de D. José I, que visavam a assegurar a soberania no estuário do Prata e na Bacia do Amazonas; os novos currículos adotados pelas academias militares, agora preocupadas com a profissionalização dos oficiais da Marinha e do Exército; e o estabelecimento de arsenais para construção e reparo de embarcações. A cartografia que resulta de todo esse cenário, com seus importantes protagonistas, contribuiu para a “construção da soberania territorial e marítima, especialmente na porção americana do Império português”.

Ao apresentar uma das principais obras em exibição, a Carta Náutica do Atlântico, de Simão da Rosa Pinheiro, as curadoras ressaltam que ela, apesar de desenhada

no Rio de Janeiro em 1776, “segue o estilo dos mapas portulanos e cartas de marear usados nos séculos XV e XVI”. As 11 rosas dos ventos, cada qual ornada com elementos iconográficos e distinto colorido, circundam e sobressaem nas múltiplas linhas de rumo que enquadram o espaço do Atlântico. Novamente, as pesquisadoras chamam atenção para a costa africana, em que a fortaleza-castelo de São Jorge da Mina se ergue ostentando hasteada a bandeira holandesa, em referência à ocupação pela Companhia das Índias Ocidentais. Destacam que essa região, disputada no comércio negreiro do Atlântico, confere sentido ao cartucho superior à direita, em que podemos observar uma representação de uma das fábulas de Jean de la Fontaine, mais precisamente



Figura 7 – Vista parcial da Sala das Cartas

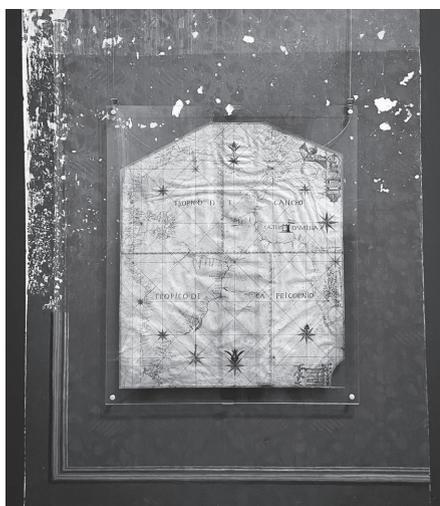


Figura 8 – Prospecção de parede original da edificação e Carta Náutica do Atlântico, de Simão da Rosa Pinheiro, 1776. Acervo da DPHDM

A Cegonha e a Raposa, cuja moral adverte que “por vezes recebemos na mesma moeda tudo aquilo que fazemos”.

A parede com a pintura original da centenária edificação do Museu Naval, que se presta de pano de fundo à Carta Náutica do Atlântico, ressalta sua importância e seu protagonismo. Originalmente, o edifício fora construído para sediar o Clube Naval, possuindo diversas pinturas decorativas em seus salões. Hoje a exposição ocupa o espaço contíguo em que, outrora, figuravam os antigos Salão de Visitas e Salão Nobre do Clube. Uma cuidadosa prospecção, realizada há alguns anos pela restauradora e servidora Maria Augusta Evangelista Fernandes, revela o padrão adamsado da pintura decorativa encarnada original do antigo Salão Nobre, destinado a grandes solenidades e assembleias-gerais. Para além do contraste cromático que se estabelece entre a carta e a parede, também o padrão floral adamsado predominante, essencialmente

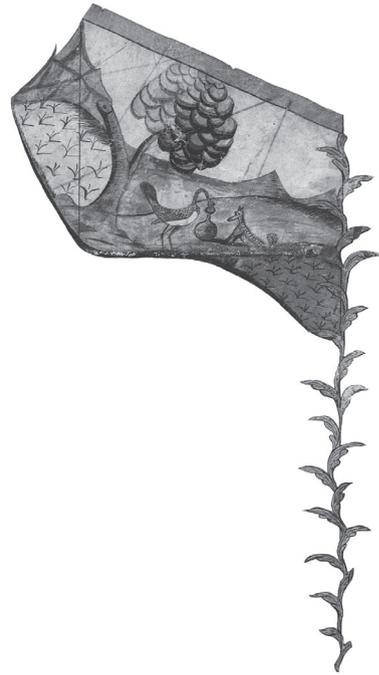


Figura 9 – Detalhe do cartucho da Carta Náutica do Atlântico, de Simão Rosa Pinheiro, com a raposa e a cegonha

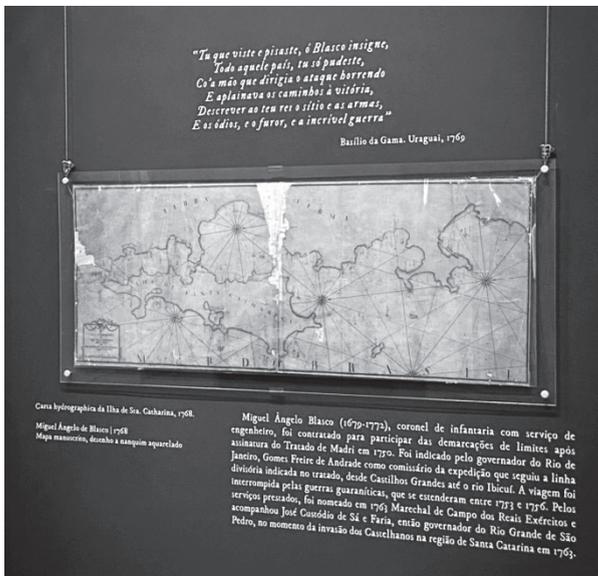


Figura 10 – Carta Hydrográfica da Ilha de Sta. Catharina, de Miguel Ângelo de Blasco, 1768. Acervo da DPHDM

estabelecido em linhas sinuosas, contrapõe-se com a série de rigorosas linhas e formas geometrizadas da carta.

Todas as cartas pendem em expositores de acrílico, de maneira que não há qualquer interferência ou distração para a apreciação do visitante. Por sua vez, as vitrines exibem os atlas que, dispostos sobre bases, parecem flutuar no interior das cúpulas de total cristal. Em destaque, o visitante pode conferir o *Pilote du Brésil*, de Albin-Reine Roussin; o *African Pilot*, de Robert Laurie; e os alegóricos frontispícios do *Atlas Maritimo*



Figura 11 – Vitruines e grande painel com projeções na Sala das Cartas

de España, de Vicente Tofiño San Miguel; do *Atlas des Enfants*, de Bruyset; e de um dos volumes do *Hydrographie Française*, de Jacques Nicolas Bellin, entre outros.

Por fim, grandes painéis de projeção quebram a sobriedade da Sala das Cartas e ampliam detalhes minuciosos dos mapas e atlas, agora animados por efeitos computacionais.

AMBIENTE 3: A BIBLIOTECA – EXPERIÊNCIA E ACUMULAÇÃO

A terceira e última parte da exposição, que representa o espaço da biblioteca, versa sobre a Biblioteca da Marinha, que, conforme recordam as curadoras, origina-se com a guarda do acervo bibliográfico

e cartográfico acumulado no Depósito de Escritos Marítimos da Real Academia dos Guardas-Marinha desde 1802.

Diferente dos outros ambientes, ainda que também trate de uma narrativa histórica que se conforma a partir da documentação, de relatos e do acervo, o espaço da biblioteca lembra que, apesar de guardar e manter tantos testemunhos de um passado, também é um lugar do presente, vivo, que se expande e se reinventa. Nesta parte da exposição, tudo é passível de ser tocado, mexido e até mesmo apropriado, como um convite aos visitantes para



Figura 12 – Visitantes interagem com o módulo da exposição que trata da Biblioteca

conhecer e utilizar a Biblioteca da Marinha, aberta ao público e sempre em expansão e desenvolvimento. Dessa forma, todo o mobiliário pode ser manipulado para descobertas surpreendentes, como o conteúdo das gavetas das mapotecas, ou para conforto da pesquisa e leitura. Uma ação de doação de livros, promovida pela Biblioteca da Marinha, ganha lugar na estante integrada à exposição. Nesse espaço, o visitante pode estar à vontade para se servir de leituras e desfrutar de um momento na cenografia. Ainda na mesma estante, dissimulados em livros falsos, jogos eletrônicos de caça-palavra relembram ao visitante termos recorrentes nos textos da exposição.

Finalmente, antes de partir, o visitante pode levar consigo, para além do aprendizado que a mostra propicia, um folheto decorado em que pode escrever suas observações e carimbar, com o antigo selo

de *ex-libris* da Biblioteca, a sua passagem pela experiência da exposição.

CONVITE À EXPOSIÇÃO

A exposição “O Atlântico Sul na construção do Brasil Independente” está prevista para permanecer em cartaz até junho de 2022 no Museu Naval. Trata-se de uma oportunidade imperdível para se descobrir um valioso acervo cartográfico que, após a rigorosa pesquisa histórica da curadoria, agora se tornou inteligível, seja a partir de elementos lúdicos, seja pelos resultados das investigações sobre o acervo documental, imerso em ambientes cenográficos cuidadosamente planejados. A visita também proporciona a possibilidade de uma reflexão sobre a importância do mar e de suas representações, além de fazer emergir uma faceta pouco conhecida da Independência do Brasil.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<HISTÓRIA>; História da Independência do Brasil; Museu Naval;
<ATIVIDADES MARINHEIRAS>; Cartografia;